

# Paulo Freire volta a trabalhar no Brasil em agosto

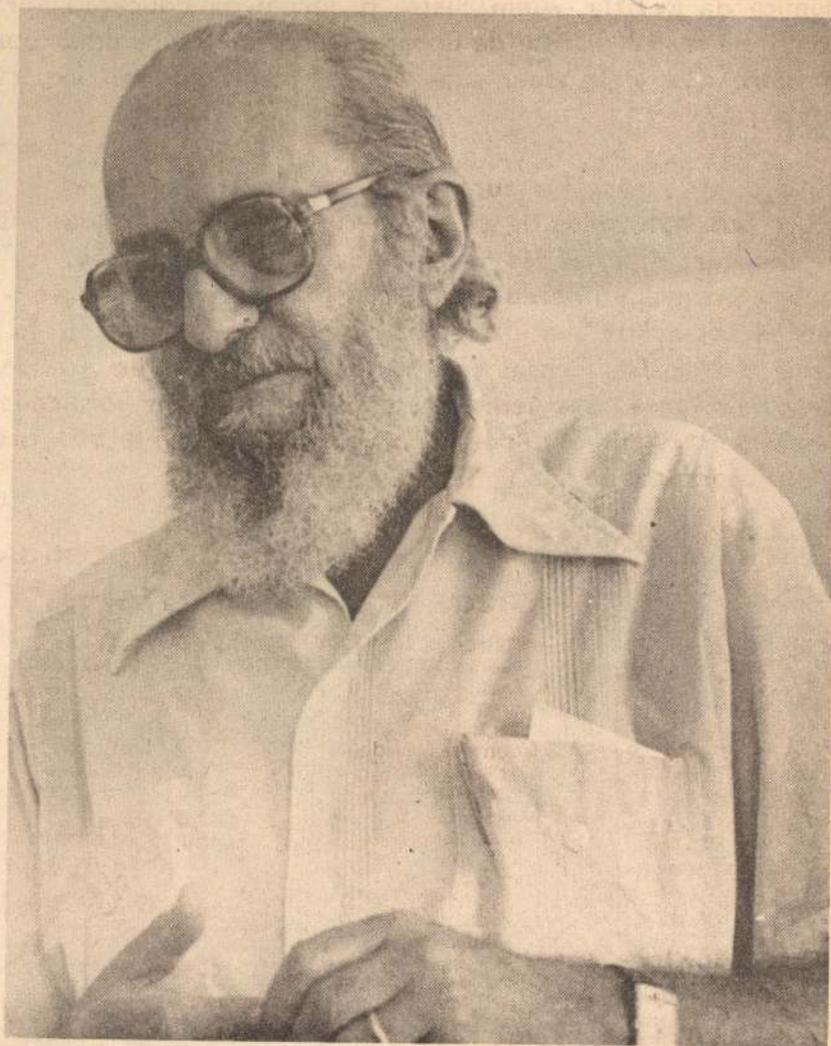
O educador Paulo Freire deverá vir em definitivo para o Brasil no próximo dia 2 de julho. Aquil ele desenvolverá trabalhos voltados à educação popular: na Unicamp, na PUC de São Paulo e junto aos grupos da Igreja que atuam na periferia paulistana. Paulo Freire esteve dia 24 passado, no Centro de Estudos, Educação e Sociedade e na Faculdade de Educação da Unicamp, quando trocou idéias com educadores sobre seus planos de trabalho aqui no Brasil. (Ver noticiário em outro local desta edição).

O educador brasileiro se desligará do Conselho Mundial de Igrejas, com sede em Genebra, em junho próximo, mas continuará ligado ao IDAC — Institut D'Action Culturelle, órgão que ele próprio criou em Genebra, capital suíça, para desenvolver trabalhos de assessoria aos programas de educação de vários países no mundo todo. Aliás, segundo informou o próprio Paulo Freire, o IDAC será transferido para o Brasil, com sede no Rio de Janeiro.

Segue uma entrevista dele ao *Jornal da Educação* concedida a Olavo Avalone Filho, Maria Inês Nassif e Cristina Luiza Borchert.

**JE** — Após Campinas, qual seu destino e quando se dará seu retorno ao Brasil? O que o sr. fará nesta viagem e depois de voltar, agora em definitivo?

**PAULO FREIRE** — Vou daqui à Guiné-Bissau, onde já há quatro ou cinco anos eu venho prestando assessoria ao governo de lá, particularmente ao ministério de educação, ao lado dos ministérios de Cabo Verde, São Tomé e Príncipe e também Angola. Essa assessoria eu venho dando em nome de dois órgãos: de um lado, como trabalhador do Departamento de educação do Conselho Mundial de Igrejas, onde estarei até o fim de junho, e, do outro, como



**"O retorno definitivo  
deve ser a 2 de julho"**

membro da equipe do Instituto de Ação Cultural, que eu criei com jovens brasileiros e europeus em Genebra há oito anos atrás. E agora estou indo lá para uma visita última, porque nossa assessoria na Guiné termina agora, e nós continuare-

mos com Cabo Verde e São Tomé. Estou indo com a Elza, minha mulher, que trabalha comigo e da Guiné eu parto para Genebra, onde vou tratar do retorno definitivo ao Brasil, que deve se dar no dia 2 de julho deste ano.

**JE — Aqui no Brasil, que atividades o sr. desenvolverá?**

**PAULO FREIRE —** Aqui eu trabalharei em São Paulo, radicado em São Paulo, na PUC e na Unicamp. Trabalharei ao nível da pós-graduação, sem que isto signifique um corte radical quanto à graduação. Mas a minha preocupação fundamental, enquanto educador trabalhando

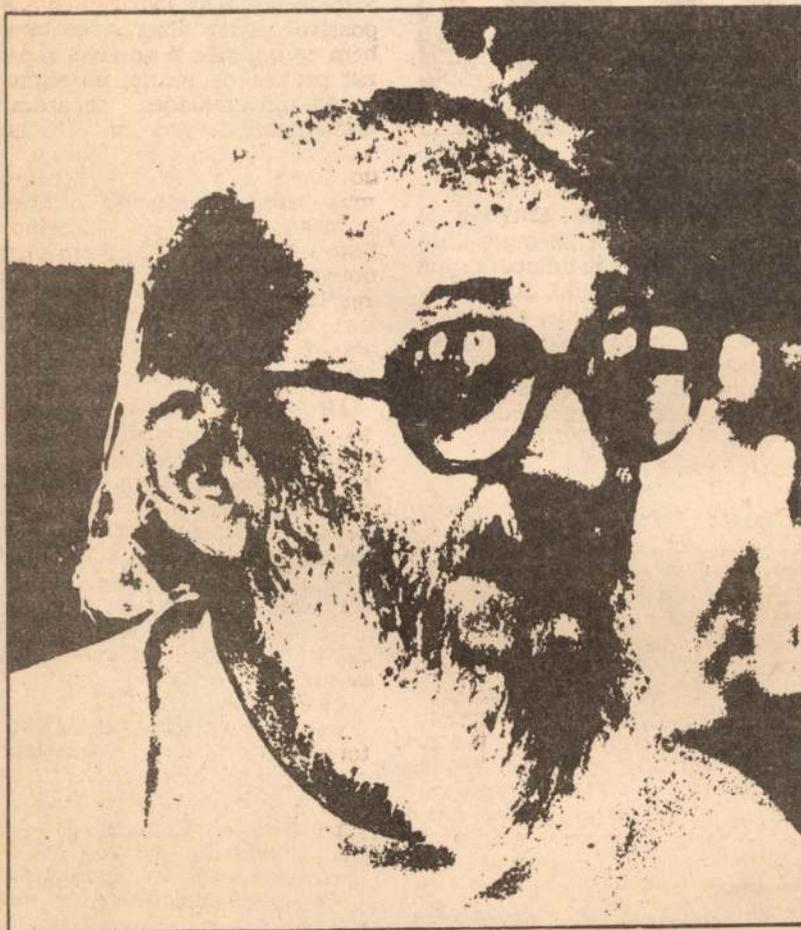
lhando com as equipes que atuam nas unidades de base. No meu caso particular vai nos dar uma possibilidade muito grande de reflexão sobre algo muito real, muito concreto. Porque com este tipo de trabalho eu estou tendo também contato com diferentes instituições com cujas equipes eu começo já a estabelecer um bom

se clareará na medida em que eu chegue e comece a trabalhar. Será exatamente a prática que me vai delimitar inclusive os campos meus, será a minha prática que vai me dizer, aqui tu estavas pensando sonhadamente, não podes, aqui tu podes, etc. E por esta prática, que começará mais concretamente em agosto próximo, eu estou ansioso hoje.

**JE — O Brasil encontra-se em fase de reorganização partidária e o sr., como educador talvez não se filie a determinado partido, mas certamente sendo um educador, tem opinião formada. Gostariamos de saber se o sr. nutre simpatia por algum partido e qual é ele?**

**PAULO FREIRE —** É, eu gostei dessa pergunta. Porque, como educador eu não posso deixar de ser político. Agora, há uma diferença: há políticos que são educadores porque são políticos e eu, como educador, sou político porque sou educador. Há uma diferença sutil, mas que não me permite de maneira nenhuma ter a pretensão, que eu jamais tive, de ser neutro porque sou educador. Não há educador neutro. Mas tem um dado que eu quero te contar: eu quero me manter, tanto quanto possível, equidistante mas não ausente, de uma atuação partidária. Mas em Genebra, há um mês ou dois atrás, eu passei um telegrama — inclusive foi a primeira vez em minha vida particular que eu tomei uma decisão como essa, que me expliciti em torno de um partido — passei um telegrama ao PT dando minha solidariedade ao seu sonho e autorizando a usar o meu nome. Foi a primeira vez na história minha. E se você agora me pergunta: e por quê? Porque eu acho que o PT — sem entrar em consideração em torno de

*“Há um horizonte amplo de trabalho disponível, sério”*



em universidade como a Unicamp e a PUC, enquanto contextos teóricos, é não cortar as minhas relações com os contextos concretos sobre os quais eu devo refletir no contexto teórico. Sem dicotomizar esses contextos, mas, pelo contrário, tornando-os sempre dinamicamente. Por outro lado, tudo indica que nós vamos trabalhar também com a equipe do IDAC, cuja inserção no Brasil nós estamos estudando. Nós vamos também trabalhar um pouco num tipo de assessoria às equipes de Dom Paulo Evaristo. Não nós diretamente na periferia de São Paulo, mas traba-

lhando com as equipes que atuam nas unidades de base. No meu caso particular vamos nos dar uma possibilidade muito grande de reflexão sobre algo muito real, muito concreto. Porque com este tipo de trabalho eu estou tendo também contato com diferentes instituições com cujas equipes eu começo já a estabelecer um bom

nenhum dos partidos que se organizam por aí — eu acho que o PT, para mim pelo menos, encarna assim uma espécie de sonho, possível, com o qual eu gosto de estar. O PT me anuncia, por exemplo, uma ação e uma reflexão política partindo de baixo para cima, com um corte de baixo para cima, que é o que eu defendo enquanto

*“Há uma certa coincidência entre o sonho que o PT anuncia e os meus sonhos”*

Teses

# “Medicina, Saúde e trabalho”

(Tese de Mestrado defendida dia 25 último pela Profa. Cristina de Albuquerque Possas na área de Antropologia Social do Instituto de Filosofia e C. Humanas da Unicamp; orientador: Prof. Maurício Tragtenberg, da Faculdade de Educação da Unicamp).

O texto analisa a penetração do capitalismo na prática médica e suas implicações sociais. Do ângulo médico, a capitalização de sua prática decorre do desenvolvimento da medicina empresarial, onde o INAMPS funciona como instrumento de repasse de recursos estatais. A medicina empresarial torna o médico um mero assalariado que não tem controle sobre seu trabalho, o ritmo do atendimento, o nível do atendimento, tudo isso é regulado pela lucratividade a que ele deve servir. O médico brasileiro formará o setor dos "white collars", uma nova classe média que não possui propriedade e vende seu "capital cultural" a quem paga mais.

Do ângulo doente, verifica-se que ele recebe uma atenção médica diferenciada conforme a classe social a que pertença. Assim através da política de convênios as empresas estabelecem diferentes tipos de atenção médica que vão desde a atenção médica mínima ao operário não qualificado, à atenção médica razoável ao operário qualificado até a atenção médica excelente dedicada ao executivo. Isso está ligado também a estrutura de currículos das Escolas de Medicina; essa estrutura de currículo valoriza o aspecto curativo em detrimento de preventivo. Assim, as doenças de massa que ainda matam milhares de brasileiros não recebem a atenção devida. A medicina preventiva não é lucrativa às grandes empresas, às cooperativas médicas

em que o médico é capitalista de si mesmo. Adie-se a omissão do Estado no referente a saúde pública e teremos um retrato sem retoques de S. Paulo de 1980.

Fundamentalmente a medicina é simplesmente uma medicina do trabalho, tratando de repor a mão de obra em posição de rapidamente poder voltar à produção. Daí a política contra os internamentos praticada pelo INPS e a valorização do ambulatório.

A medicina dirige-se na reposição da mão-de-obra e à procura de condições de manter sua produtividade, razão pela qual o mínimo de atenção médica corresponde ao mínimo vital que o operário necessita para reproduzir o capital, isso garantido pela implantação do salário mínimo.

A autora mostra com muita clareza que não se deve confundir saúde com medicina. As condições de saúde dependem basicamente da existência de saneamento básico e uma estrutura de salário que permita a melhora da alimentação do trabalhador. Eis a razão pela qual o período do "arrocho salarial" coincidiu com o aumento da incidência da mortalidade infantil no país, os aumentos salariais implicaram em seu declínio. No entanto, a medicina é requisitada cada vez mais por faltarem as condições mínimas de saneamento básico e a estrutura salarial não corresponde ao aumento do custo de vida. Assim uma cidade como São Paulo possui 20 por cento de esgotos, enquanto Caxias do Sul, segunda cidade industrial do Estado do Rio Grande do Sul, não possui rede alguma de esgoto.

A autora analisa também o sistema brasileiro de Previdência Social antes e depois da unificação sob forma de INAMPS. Analisa sua

evolução das antigas Caixas de Aposentadoria ao atual INAMPS, passando pelo antigo INPS.

O desenvolvimento do capitalismo é acompanhado inevitavelmente da burocratização. A burocratização da atenção médica se dá no atendimento a uma massa trabalhadora e a medicina de massa constitui o mínimo de atenção médica com o intuito, conforme definiámos antes, de colocar a mão-de-obra em condições de voltar a produção no menor tempo possível, em regime de urgência.

Porém, é de acentuar-se a indicação da autora segundo a qual o FUNRURAL, que teoricamente abrangeria o atendimento às necessidades assistenciais de 40 por cento da população tenha apenas 2% dos recursos do INAMPS a ele destinados.

Em última análise, a luta contra as doenças sociais como a tuberculose, doenças endêmicas, derivadas das más condições de trabalho, depende da possibilidade da mão-de-obra autoorganizar-se e lutar pelo "direito à saúde". A democratização do atendimento médico depende da democratização da sociedade global e do espaço que as camadas subalternas ocupem no espaço social. Caso contrário, continuará essa espécie de genocídio planejado contra o trabalhador, especialmente num país onde a oferta de mão-de-obra supera a procura e é "mais barato" deixar morrer do que tratar o indivíduo. Essa prática malthusiana em relação à mão-de-obra é parte integrante do regime do capital, que, suga o sangue do operário como um vampiro, daí a necessidade, às vezes, do Estado intervir para regular a exploração do trabalho em limites que não levem a mão-de-obra a destruir-se. (Maurício Tragtenberg)

## ASSINE A REVISTA EDUCAÇÃO & SOCIEDADE

EDUCAÇÃO & SOCIEDADE 4 CURSO	EDUCAÇÃO & SOCIEDADE 5 CURSO
<b>LIBRARIAS</b> DEBILITADO PSICOMOTRIZ	<b>EDUCADOR E TRABALHADOR</b>

ARTIGOS PUBLICADOS  
EDUCAÇÃO & SOCIEDADE é uma revista do Centro de Estudos Educacionais e Sociais (CEDES), coordenada pelo Editor-Chefe e Editor Assistente, Assis Brasil.  
Preço de assinatura anual para 2 anos (incluindo o envio de 10 exemplares) para assinantes em instituições de ensino superior de R\$ 12,00. Para assinantes em escolas de R\$ 10,00.  
ASSINATURAS: CEDES - CENTRO DE ESTUDOS EDUCACIONAIS E SOCIAIS  
Rua do Bandeirante, 824 - Cidade Universitária - Tel. 0192-39 1400  
Cidade Universitária - Caixa Postal 13081-900 - Campinas, SP, Brasil

## ASSINE E DIVULGUE A REVISTA DE FILOSOFIA

### REFLEXÃO

REFLEXÃO CONTEÚDO	REFLEXÃO CONTEÚDO
13	14

REFLEXÃO é uma revista do Instituto de Filosofia de FFLUX, coordenada pelo Editor-Chefe e Editor Assistente Assis Brasil.  
Preço de assinatura anual para 2 anos (incluindo o envio de 10 exemplares) para assinantes em instituições de ensino superior de R\$ 12,00. Para assinantes em escolas de R\$ 10,00.  
ASSINATURAS: INSTITUTO DE FILOSOFIA  
Rua do Bandeirante, 824  
Cidade Universitária - Tel. 0192-39 1400  
Cidade Universitária - Caixa Postal 13081-900 - Campinas, SP, Brasil



**JE — Aqui no Brasil, que atividades o sr. desenvolverá?**

**PAULO FREIRE —** Aqui eu trabalharei em São Paulo, radicado em São Paulo, na PUC e na Unicamp. Trabalharei ao nível da pós-graduação, sem que isto signifique um corte radical quanto à graduação. Mas a minha preocupação fundamental, enquanto educador trabalhando

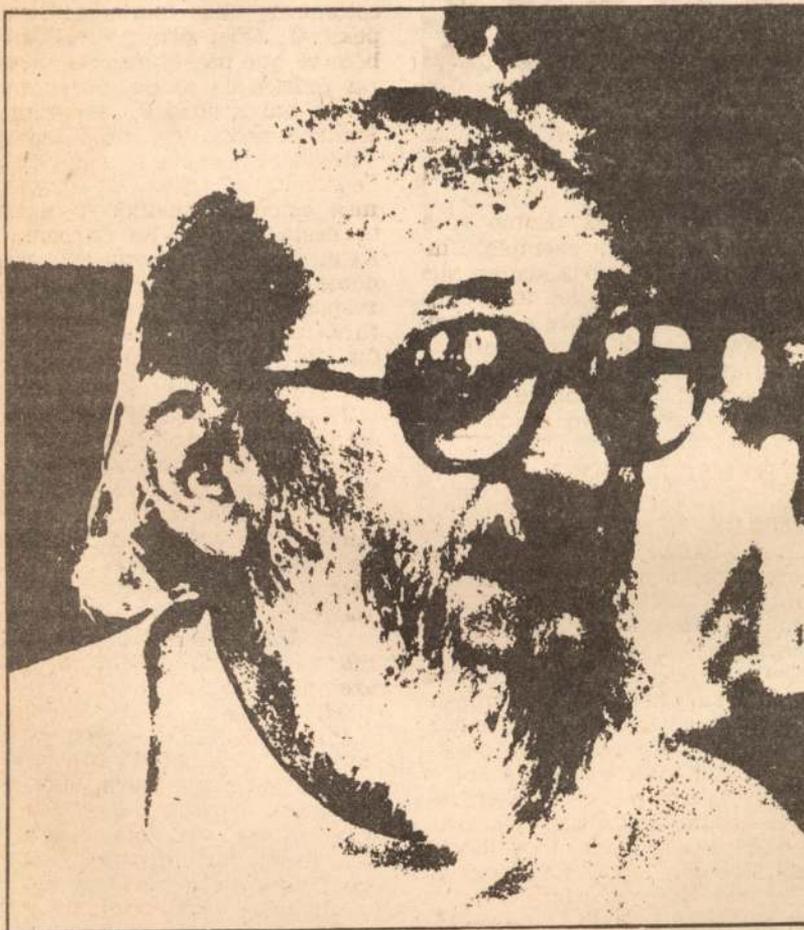
lhando com as equipes que atuam nas unidades de base. No meu caso particular vai nos dar uma possibilidade muito grande de reflexão sobre algo muito real, muito concreto. Porque com este tipo de trabalho eu estou tendo também contato com diferentes instituições com cujas equipes eu começo já a estabelecer um bom

se clareará na medida em que eu chegar e comece a trabalhar. Será exatamente a prática que me vai delimitar inclusive os campos meus, será a minha prática que vai me dizer, aqui tu estavas pensando sonhadamente, não podes, aqui tu podes, etc. E por esta prática, que começará mais concretamente em agosto próximo, eu estou ansioso hoje.

**JE — O Brasil encontra-se em fase de reorganização partidária e o sr., como educador talvez não se filie a determinado partido, mas certamente sendo um educador, tem opinião formada. Gostariamos de saber se o sr. nutre simpatia por algum partido e qual é ele?**

**PAULO FREIRE —** É, eu gostei dessa pergunta. Porque, como educador eu não posso deixar de ser político. Agora, há uma diferença: há políticos que são educadores porque são políticos e eu, como educador, sou político porque sou educador. Há uma diferença sutil, mas que não me permite de maneira nenhuma ter a pretensão, que eu jamais tive, de ser neutro porque sou educador. Não há educador neutro. Mas tem um dado que eu quero te contar: eu quero me manter, tanto quanto possível, equidistante mas não ausente, de uma atuação partidária. Mas em Genebra, há um mês ou dois atrás, eu passei um telegrama — inclusive foi a primeira vez em minha vida particular que eu tomei uma decisão como essa, que me explicitei em torno de um partido — passei um telegrama ao PT dando minha solidariedade ao seu sonho e autorizando a usar o meu nome. Foi a primeira vez na história minha. E se você agora me pergunta: e por quê? Porque eu acho que o PT — sem entrar em consideração em torno de

*“Há um horizonte amplo de trabalho disponível, sério”*



em universidade como a Unicamp e a PUC, enquanto contextos teóricos, é não cortar as minhas relações com os contextos concretos sobre os quais eu devo refletir no contexto teórico. Sem dicotomizar esses contextos, mas, pelo contrário, tomando-os sempre dinamicamente. Por outro lado, tudo indica que nós vamos trabalhar também com a equipe do IDAC, cuja inserção no Brasil nós estamos estudando. Nós vamos também trabalhar um pouco num tipo de assessoria às equipes de Dom Paulo Evaristo. Não nós diretamente na periferia de São Paulo, mas traba-

tipo de relação, como por exemplo as equipes do CEDEC e do CEDES, com as quais nós vamos trabalhar muito juntos. O CEDEC ofereceu-me até uma sala para ficar lá, com minha mulher, dentro dum horário, enquanto não estiver aqui ou na PUC. Quer dizer, há um horizonte muito amplo e vasto de trabalho disponível, sério, que

nenhum dos partidos que se organizam por aí — eu acho que o PT, para mim pelo menos, encarna assim uma espécie de sonho, possível, com o qual eu gosto de estar. O PT me anuncia, por exemplo, uma ação e uma reflexão política partindo de baixo para cima, com um corte de baixo para cima, que é o que eu defendo enquanto

*“Há uma certa coincidência entre o sonho que o PT anuncia e os meus sonhos”*

educador político. E, para terminar, eu te diria: eu acho uma certa coincidência — talvez seja uma pretensão de minha parte; eu não gosto de ser pretensioso — eu encontro uma certa coincidência entre o sonho que o PT anuncia e os meus sonhos nos meus livros. "Pedagogia do Oprimido" eu acho que tem muito a ver com o sonho do PT.

**JE — Ao chegar ao Brasil, do exílio, o sr. preferiu não abordar certas questões dizendo sentir necessidade de antes reaprender o seu país. Como se sente hoje? O sr. já se sente em condições de agora falar daque las questões?**

**PAULO FREIRE —** Eu confesso, nisto eu também sou muito rigoroso. Evidentemente, desta vez eu já comecei a falar um pouco mais. Eu tive chance de ouvir o povão na periferia de São Paulo. Então, o processo de aprendizagem de que eu te falava no ano passado começou a se dar mais fortemente agora do que no ano passado. Porque no ano passado passei um mês, primeiro sob o impacto emocional de uma volta, segundo dividindo esse mês entre

ção, em Unidades e por número: Unidade Primeira, Unidade Segunda, etc. Eu faço parte da Terceira Unidade, meu setor. Essas Unidades, então, têm



sub-unidades que se dividem em função de certos temas e de certas práticas. Então você vai encontrar, por exemplo, Unidades com sub-unidades que tratam, por exemplo, do problema de fé e sociedade, a sub-unidade que trata do combate ao racismo... Isto é que eu acho formidável no Conselho Mundial de Igrejas: em sendo uma

as multinacionais, o papel das multinacionais no mundo, seu poder, etc. Quer dizer que há, então, esta pluralidade de aspectos, o que constitui para mim uma coisa profundamente simpática. Inclusive trabalhei dez anos no Conselho Mundial de Igrejas e me senti sempre muito livre, muito à vontade e nada beato. Quer dizer, não há assim uma pieguice de sacristia, de igreja, há uma preocupação assim muito séria com a vida, com a melhoria da vida. Não se dicotomiza a fé da política. Cientificamente é impossível dicotomizar, mas teoricamente é possível. Quer dizer, você também vê que não é possível separar prática da teoria, no entanto as universidades separam. Evidentemente eu não tenho autoridade para falar em nome do Conselho Mundial de Igrejas, mas estou salientando o acerto nesta postura do Conselho. Estou falando isto aqui em meu nome pessoal. Eu assumo a responsabilidade da minha leitura diante do Conselho Mundial de Igrejas. Não posso dizer que represento o Conselho

**JE — Pelo que se nota hoje há uma diferença básica na ação voltada à educação popular. No passado, pensava-se numa dimensão nacional; hoje pensa-se na ação local. A idéia do alcance da ação é nacional mas a prática é local. O sr. concorda com isto?**

**PAULO FREIRE —** Você diz o conteúdo das ações, por exemplo?

**JE — Sim.**

**PAULO FREIRE —** Sim, estou totalmente de acordo com isto. O problema que para mim se colocaria seria o seguinte: a prática centrada em temas e em problemas locais, porém com uma visão nacional destes problemas. Quer dizer, ao mesmo tempo que tu discutirias, por exemplo, com uma população periférica em Campinas, teu ponto de partida é problemática daquela população, não da população de São Paulo. Mas, ao mesmo tempo que tu estivesse com a população, estudando, refletindo e buscando soluções para problemas locais tu estarias buscando a dimensão nacional, estadual, regional desses problemas. Mas o ponto de partida é o local, como o ponto de partida é o hoje. Eu te diria: o ponto de partida é o aqui e o agora. É a partir de aqui e agora que tu ganhas a generalização no tempo e no espaço.

## *"Tive tempo de pensar, ver, e começo a aprender muito"*

quatro lugares do Brasil: São Paulo, Rio, Campos e Recife. Foi muito impacto, mas agora, um mês todo em São Paulo, maciamente quase, sem anúncios de que eu estava aqui, etc... Então eu tive mais tempo de pensar, de ver e de ouvir. E começo a aprender muito. Depois que eu chegar aqui, de vez, você pode fazer as perguntas que você tem.

**JE — O que é o Conselho Mundial de Igrejas e qual o seu trabalho lá?**

**PAULO FREIRE —** Faz dez anos que eu trabalho lá e não sou capaz de responder bem. Diria que o Conselho, como o próprio nome diz, é um Conselho ecumênico, que congrega uma grande quantidade de Igrejas do mundo todo. Tem sua sede em Genebra, é mantido pelas Igrejas, com mais ênfase para as Igrejas dos países mais ricos — as Igrejas alemãs, norte-americanas, sem esconder outras. Mas esta parte de administração eu também não entendo. O importante é dizer que as Igrejas mantêm o Conselho. O Conselho se divide, do ponto de vista da administra

organização da Igreja e ecumênica — não sei se com o que eu vou dizer agora vou chocar algumas pessoas do próprio Conselho — mas eu diria que o Conselho não faz a separação impossível no meu entender, entre mundaneidade e transcendentalidade, entre história e meta-história. O que significa que o Conselho ao mesmo tempo se preocupa com o problema da fé e com o problema do ra

## *"O ponto de partida é o aqui e o agora"*

cismo. Ao mesmo tempo que ele se preocupa com o problema do apostolado, ele se preocupa, por exemplo, com o problema da educação de adultos, não no campo específico da Igreja. Eu, por exemplo, assessoriei até agora a governos como estes governos de antigas colônias portuguesas. Se preocupa, por exemplo, com o problema do desenvolvimento, o que significa o desenvolvimento. Há um setor, lá, este inclusive orientado por um jovem economista brasileiro e que estuda